



CURUPIRA: ENCANTO OU ESTRANHAMENTO NO IMAGINÁRIO FOLCLÓRICO

Arlindes Alves de Sousa¹

RESUMEN:

*ENCANTO O DESCONOCIMIENTO: CURUPIRA
NARRATIVA FANTÁSTICA DEL FOLCLORE*

Seres fantásticos surgen en la literatura como caminos posibles para explicar los aspectos de la cultura de un pueblo. Con elementos focalizados en la narrativa, el lector encuentra desde el encanto hasta el desconocimiento de los misterios aparentemente dudosos del folclore. Curupira, protector de la selva y la naciente constituye una narrativa que, a partir del misterio concretiza en la cultura la belleza de la naturaleza y relata una ocupación del hombre para distraerse partiendo de necesidades. Escritores de renombre rescriben estas historias que muestra una observación del hombre y sintetizan en la adversidad una reformulación de lo real, de lo imaginario.

Palabras claves: imaginario, lectura, folclore, cultura, Curupira.

ABSTRACT:

*CURUPIRA: CHARM OR IGNORANCE
IN FOLKLORE IMAGERY*

Fantastic beings arise in literature as possible ways to explain aspects of the culture of a country. Focused on the narrative, the reader finds elements that go from the charm to the ignorance of the apparently doubtful mysteries of folklore. Curupira, protector of plants and infants, constitutes a narrative that originates in the need to protect those plants and thus, it becomes fantastic. Renowned writers re-write these stories that show an observation of man and synthesize a reformulation of reality in adversity by means of imagery.

Key words: imagery, reading, folklore, culture, Curupira.

RESUMO: *Seres fantásticos surgem na literatura como caminhos possíveis para explicar os aspectos da cultura de um povo. Com elementos focalizados na narrativa, o leitor encontra desde o encanto até o estranhamento instigante dos mistérios aparentemente duvidosos do folclore. Curupira, protetor das matas e das nascentes, constitui uma narrativa que, a partir de necessidades de proteger a mata, se faz fantástico. Escritores renomados reescrevem essas histórias que mostram a observação do homem e sintetizam na adversidade a reformulação do real no imaginário.*

Palavras chaves: imaginário, leitura, folclore, cultura, Curupira.

Há um privilegiado país de beleza incomparável. E embrenhado nesse país há uma salutar selva, “a Amazônica”, que esconde maravilhosos e fantásticos seres. Para corroborar com essa diversidade, há diferentes padrões de cultura advindos de crenças e valores da sabedoria popular. A literatura no Brasil se origina da cultura indígena, da cultura africana e da cultura portuguesa. Devido a sua grandeza territorial, a cultura brasileira é muito diversificada e revela mil seduções. Essas riquezas foram descritas desde

¹ Alves de Sousa, Arlindes, Secretaría de Educación, Brasília DF, Brasil.

Manoel da Nóbrega, que ressaltou a Amazônia, até o sertanista anônimo e destemido que inventa narrativas orais e se incumbem de espalhá-las. Faremos nesse trabalho um recorte para falar a respeito do Curupira, que se origina da cultura indígena, e destaca-se especialmente nos estados do Amazonas e Pará. De acordo com Brandão e Jesus, “*A cultura brasileira é o resultado de várias matrizes sociais, e que o maior desafio é buscar compreender a quota de cada um na formação cultural do Brasil*”². Isso nos faz pensar na responsabilidade de perpetuação dos nossos costumes e riquezas culturais.

A cultura folclórica brasileira influencia produções artísticas: desde jogos até o cinema. E essa trama perpassa da linguagem oral aos sistemas de produção de moradia. Em toda a vida cotidiana e em várias camadas sociais, há reflexo da aprendizagem por meio do folclore. Pode-se afirmar, portanto, que este representa um meio de educação e cultura que qualifica o homem.

O folclore, como representação cultural, preenche um espaço criado pela falta de oportunidade na educação formal e por isso beneficia muito as camadas populares, que se valem desse fenômeno para que através dele se organize uma consciência comum, preserve-se a experiência, influencie-se a criatividade e estimulem-se outras produções. Como defende Carneiro, “*o folclore, com efeito, se nutre dos desejos de bem-estar econômico e social do povo.*” Esse proceder demonstra que o povo pode utilizar-se da manifestação folclórica para obter consolidação e desenvolvimento. A cultura folclórica atinge uma camada considerável da população. Há muitos divulgadores dessa cultura. Algumas comunidades, principalmente a rural, se utilizam dessa literatura para fazerem denúncias.

O pesquisador Edison Carneiro cita em seu livro a *Carta do Folclore Brasileiro*, que define a classificação do folclore em forma de literatura oral e folclore infantil, credices e superstições lúdicas (danças e bailes, autos, jogos e sortes cortejos teatros de bonecos festas tradicionais), artes e músicas, usos e costumes e linguagem popular. Essa carta foi lida em 1945 e foi um documento em defesa do folclore brasileiro amplamente apoiado pelas instâncias oficiais. Para ser considerado e para se enquadrar nessa denominação, o acontecimento cultural deve passar por tradicional, anônimo e popular. E ele acrescenta que “*admitese, atualmente, o folclore em estado nascente, ou seja, o aparecimento de novas variedades folclóricas, tão genuínas como quaisquer outras, sem apoio da tradição.*” Em 1995 a *Carta do Folclore Brasileiro* foi relida na Bahia no Congresso de Folclore e na ocasião reiterada a importância da carta na preservação e valorização do folclore e dos autores.

“Temos, assim, que o folclore, como traço cultural que participa de um processo geral que envolve, permanentemente, mecanismos internos, aquisitivos, desintegrativos e de recomposição e recombinação, e movimentos externos, que tomam forma agressiva ou acomodatória, que por vez ocasionam novos processos internos. Ora como toda mudança na parte se traduz modificação no todo, o folclore, modificando-se sob a ação geral das várias forças espontâneas e dirigidas das sociedades, por sua vez provoca modificações no todo, que é a sociedade.”³

Recentemente, com a popularização dos meios de comunicação, tornou-se muito mais fácil a difusão das riquezas folclóricas. E mesmo nesse momento sem muita definição, o

² Jesus, L. M. e Brandão, H. N. “Mito e Tradição Popular”, em Brandão, Helena Nagamine (org.) *Gêneros do Discurso na Escola*. São Paulo, CórteX, 2003; p. 54.

³ Carneiro, Edison. *Dinâmica do folclore*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S.A. 1965. <http://sitededicadas.uol.com.br/folk02.htm> –consultado no dia 10 de outubro de 2006; p. 13.

homem, que vive momento controvertido de descontinuidade e de muita informação com mostras de desorientação, tem se beneficiado das diferenças culturais que ainda perduram. O folclore brasileiro se mostra cada vez mais cognoscível. Afinal, a maioria da população desse país participa da criação folclórica e reinventa o folclore por meio das inúmeras aparições na mídia.

Numa cultura tão diversificada como a do Brasil, coexistem várias manifestações folclóricas que geram conhecimentos e práticas. Esses fenômenos se misturam e formam a cultura em mutação. O homem se vale dos contos, das lendas e dos mitos para transmitir imagens que expliquem e sintetizem a realidade em que habita. Ao mesmo tempo, as lendas contadas pelos antepassados reúnem os desejos que o indivíduo carrega em seu íntimo. Esse mundo de criação do ponto de vista literário se materializa no que não é visível aos olhos e de acordo com a aspiração do criador ou do leitor se torna fantástica: *“Assim, a narração fantástica reúne, materializa e traduz todo um mundo de desejos: compartilhar da vida animal, libertar-se da gravidade, tornar-se invisível, mudar seu tamanho e...”*⁴

Os contos e as lendas agem no psíquico do indivíduo, fortalecem a imaginação e criam verdadeira base de equilíbrio do espírito humano. A capacidade imaginativa constitui relevante papel na narrativa e isso representa com densidade a principal virtude das lendas, mitos e contos.

Nesse sentido, é relevante ressaltar que para Brandão e Jesus é difícil tarefa diferenciar conceitualmente a lenda do mito, mas, mesmo assim elas dizem que:

“A distinção entre lenda e mito é que este é uma explicação imediata, uma constante em movimento, uma ação nitidamente personalizada, enquanto a lenda é para Cascudo uma narrativa que tem o elemento coletivo. Através de uma determinada história, a lenda tenta dar conta da explicação de alguns elementos da natureza, ao mesmo tempo em que apresenta uma experiência de vida, indutora de maiores reflexões, prevalecendo uma moral, um ensinamento.”⁵

Nesse contexto, iremos perceber que as lendas, narrativa oral e escrita, adequam-se às necessidades da época, retratando a tradição cultural de um povo. Brandão e Jesus ressaltam *“o caráter utilitário da lenda, porque ela busca, quase sempre, transmitir uma idéia precisa de valores morais bastante educativos para a comunidade”*⁶. Esse recurso age no imaginário do leitor infantil num intuito de significar e explicar fenômenos da vida humana na natureza. A ação da lenda na recriação do viver cultural é diferente do mito, porque a lenda acompanha a necessidade de cada povo com explicação ajustável a cada história e a diversos indivíduos.

A literatura fantástica ou imaginária apresenta perspectiva de atender os anseios e a necessidade que a criança apresenta em brincar com o jogo. Essa literatura ficcional não desvenda todas as possibilidades de leitura permite ao leitor imaginar outros caminhos. Espera-se que ao estar em contato com este tipo de texto o leitor infantil construa o real com auxílio do imaginário. Os leitores passem a questionar reações e atitudes elaborando suas próprias conclusões.

⁴ Held, Jacqueline. *O Imaginário no Poder*. São Paulo, Summus Editorial, 1980; p. 25.

⁵ Brandão e Jesus, 2003, p. 53.

⁶ Brandão e Jesus, 2003, p. 52.

Quando se fala em literatura fantástica, Held a considera “*instrumento da criação, tanto como o da experiência interior, e daí a necessidade de reconhecer que o imaginário é o motor do real, que ele leva ao progresso*”. (1980, p. 3)

A literatura imaginária demonstra um fator preponderante de desenvolvimento de um povo, permite o progresso e avanço das potencialidades no indivíduo possibilitando assim o envolvimento artístico, literário e na vida geral. De acordo com Held, “*o imaginário possibilita a revelação do real ressurgindo tanto a experiência interior como interação do passado com o presente projetando o futuro*”. (1980, p. 52)

Quando se pretende discutir a questão da literatura fantástica, deve-se perceber que haverá uma tessitura entre o dado e construído. As experiências do leitor diante da lenda ou história ouvida interferem no universo o que oferecido pela literatura fantástica formando um novo componente desse jogo. Ao mesmo tempo em que o leitor vai construindo o encantamento com a literatura aparece o estranhamento que pode suscitar a cisma. “*Tais observações fazem ressurgir de maneira mais aguda o que chamamos de relatividade temporal do fantástico, e as diferentes conseqüências que daí decorre.*”⁷.

O CURUPIRA: “O BRASILEIRO FAMOSO”

O Curupira se constitui como uma lenda, outros o dizem mito. Recebe por varias regiões brasileira nomes diferentes: pai do mato, Anhangá. Os nomes femininos são Caipora, Mãe do mato, Caiçara Caapora que age no imaginário do homem por servir para sanar suas necessidades. O Curupira tem grande popularidade em todo o Brasil, sendo igualado somente por Saci Pererê.

E o Curupira está devidamente imbuído para o acontecimento da vida que se desenrola entre real e o imaginário possibilitando o conhecimento, ainda que restrito, a respeito do Brasil e principalmente das matas e selvas. O Curupira é um legado do povo indígena brasileiro a todos os povos, que se apoderaram e sabem usufruir desse legado contido nas narrativas orais e escritas e principalmente rescritas, recontadas e reinventadas por escritores famosos e contadores de histórias.

Nunca vi o curupira. Nem faço questão de ver. Moro na beira do rio. Ele mora no meio do mata.

Mas conheço tantas histórias de gente que já deu com ele, bem de pertinho, viu seus olhos de fogo, olhos esverdeados ou escutou sua gargalhada pavorosa, os assovios agudos, e prolongados, que deixam o corpo do caboclo todo arrepiado.

Pois de tanto ouvir falar do Curupira, parece alguém de minha intimidade. Posso até dizer de minha simpatia, pois nunca soube que, entre as muitas artes das quais é capaz, esteja a da maldade. Do que ele gosta é de malinar, meter medo a quem entra em seus domínios sagrados.

Perdão: também gosto de agrados, como todo mundo. E os seus preferidos são cachaça e tabaco.

⁷ Held, 1985, p. 60.

Eu me lembrando do fim de tarde em que chegou lá em casa, meu tio Quinco, que trabalhava na extração de borracha nas matas do alto Aripuanã.

Confesso que, naquele dias de adolescente, eu era fascinado pelas histórias que tio Quinco contava, sempre que chegava a Manaus, trazendo seus fardos de borracha, depois de vencer, no batelão a remo, as perigosas corredeiras do tempo da vazante.

Contou de estrelas cadentes, onças que rondavam o seringal, raios que rachavam pelo meio altas castanheiras e, de repente, disse que tinha uma triste notícia. O Emídio, seu homem de confiança no trabalho, tinha perdido o juízo:

–O homem ficou doido porque viu o Sucupira, que é o outro nome do Curupira. Voltou da mata de olhos arregalados e só conseguia dizer; “Pé pra trás, pé pra trás”. Nunca mais entrou na mata.

Muito depois fiquei sabendo que o Sucupira, filho da floresta cheia de mistérios, tem os calcanhares virados para frente, a cabeça pelada, o corpo ligeiro de um menino e não chega a um metro de altura. Quem me contou foi um índio saterê-maué, faz poucos anos, quando estive na aldeia Ponta Alegre.

Mas é o afinado José Brito, homem só de bondades, que devo o que melhor sei a respeito desse nosso duende. Duende? Sim senhor: um ser encantado, sobrenatural. José Brito sabia muito bem o que dizia:

–O Curupira é engraçado. Não tem maldade dentro dele. Vivendo correndo pela mata, sempre rindo, sabe ficar invisível ou sabe se esconder pra lá de bem. Mas tem dia que está danado da vida, vai lá saber por que motivo. Bate com um pau na sapopema da sumaumeira, inventa vendaval nas folhas das palmeiras, fecha as veredas para que o caçador se perca. Mas a gente já sabe como amaciar as malinagens do curumim. É só lhe levar cachaça e tabaco-de-corda, botar num toco de pau e então reina o silêncio na floresta. Acho que o Curupira já me conhece, sabe que até gosto um tiquinho dele, e mesmo quando não lhe levo pinga, ele me deixa caçar na santa paz.

O escritor Thiago de Melo, em seu livro *Amazônia: no coração encantado da floresta*, diz “*Nunca vi o Curupira. Nem faço questão de ver. Moro da beira do rio. Ele na beira da mata.*” Esse estranhamento não desfaz de modo nenhum o encantamento que ele demonstra no desenrolar da narrativa. E continua: “*Pois de tanto ouvir falar do Curupira, parece alguém da minha intimidade*”.

No processo de criação o autor revisita e reinventa o que há em seu imaginário a respeito do Curupira e o que estava adormecido reúne fragmentos de memória e das paisagens naturais da Amazônia surge o texto “O Curupira” num universo cultural pós-modernista. Surpreende o leitor o valor incomensurável do outro que resgata o valor da cultura popular e o transporta para o texto erudito.

A grande preocupação moderna é que possa acontecer um enorme distanciamento ou até total esquecimento das riquezas folclóricas, devido ao distanciamento que se apodera a cada dia do indivíduo que capta informações sem passar das narrativas superficiais e sem realizar a reflexão necessária para o entendimento, convivendo com as fronteiras de muita pressa e de pouca reflexão acerca da criatividade. Historicamente o Curupira passou a incorporar a relevância do resgate sócio-cultural da magia que parecia em desuso.

Ao conhecer o folclore brasileiro pode-se compreender a diferença cultural que envolve tão grande diversidade. Os índios contam muitas histórias a respeito do Curupira. Eis uma delas:

O CORAÇÃO DO CURUPIRA

Um dia, o curupira encontrou um caçador que dormia cansado, sob uma árvore. Acordou-o e pediu um pedaço do seu coração para matar sua fome. O índio, que havia morto um macaco, deu-lhe um pedaço do coração do animal. O curupira comeu, gostou e pediu o resto. O caçador atendeu ao seu pedido, mas disse:

–Deves, em paga, me dar um pedaço de teu coração.

O Curupira, certo de que o índio lhe havia dado o seu coração, sem nada sofrer, abriu, com uma faca, o próprio peito e caiu logo morto. O caçador, então, fugiu correndo para sua maloca.

Um ano mais tarde, lembrou-se o índio de que o Curupira tinha dentes verdes. E teve a idéia de fazer com os mesmos o belo colar. Por isso, voltou à mata, procurou e achou o esqueleto do curupira. E começou a bater o crânio do mesmo de encontro a uma árvore, para ver se os dentes caíam.

Nesse momento, o curupira ressuscitou. Agradeceu ao caçador de tê-lo desencantado e, para recompensá-lo, deu-lhe uma flecha mágica, com a qual ele seria o chefe de sua tribo. Mas o índio cometeu o erro de contar o segredo a sua mulher e, por isso, caiu morto no chão.

O Curupira quis realizar com o caçador um pacto para preservar a biodiversidade, mas o caçador o traiu da primeira vez e teve outra chance de se redimir e não conseguiu, pois praticou a violação da confiança nele depositada pelo Curupira. Esse texto é anônimo, oral e popular, tradicional, coletivo e funcional principalmente em comunidades que ficam longe dos meios de comunicação eletrônicos. Para os sertanistas esse conto continua vivo em sua memória e sempre vai ganhando espaço.

O caipora

No meio da mata, menino não corras,
Que o vil caipora
Agora
Nesta hora
Passeia montado no seu caitetu,
E, arteiro e malino
Se encontra o menino...
Ai dele! Que o leva no seu grande uru!

Menino, não corras
Na mata a brincar,
Que o vil caipora
Te pode levar.

Seus olhos pequenos são negros e feros,
Quais d'onça, luzentes,
Ardentes.
E os dentes
São como os do mero, ferinos cruéis;
E o duro cabelo,
Assim como o pelo
Dos bravos queixadas, que são lhe fiéis.

Menino, não corras
Na mata a brincar,
Que o vil caipora
Te pode levar.

Que ousado e valente o tal caboclinho,
 De penas coberto.
 Esperto...
 De certo
 Se vê-te, quer fumo pedir-t'ó lá vem.
 Se o acaso lh'ó negas,
 Se não lh'ó entregas
 Quem é que te salva? Lá vais no moquém!

 Menino, não corras
 Na mata a brincar,
 Que o vil caipora
 Te pode levar.

 Se acaso te encontra... lá vais para a grotá
 Debalde lutando,
 Gritando,
 Chorando,
 Na mata passeia no seu caitetu!

 E o louco menino
 Não quis escutar;
 Fugindo de casa
 Não pôde voltar.⁸

O poeta Juvenal Galeno descreve o Curupira como um elemento maligno que pode causar danos à vida do menino. Nos versos aparece o título de “Caipora”, outra variação do Curupira. O Caipora não apresenta os pés para trás e para se locomover monta no caitetu ou queixada. As características que Curupira e Caipora apresentam em comum são o instinto protetor da fauna e flora e o espírito brincalhão com ardeirice e malinagens. E, nesse poema, o autor adjectiva o Caipora com as palavras vil, valente e esperto. O menino deve ficar longe da floresta para não ser prejudicado pelo Caipora.

Alem da história de Thiago de Melo, da poesia de Juvenal Galeno e da narrativa anônima, o Curupira foi também ressaltado em outras obras. Entre elas pode-se citar que, em 2004, o ator Luis Carlos Tourinho interpretou O Curupira no Filme da Xuxa “O Tesouro da Cidade Perdida”. Nessa trama o defensor do tesouro, que é a biodiversidade, ele é todo verde, com cabelos vermelho chamativo e com a gargalhada assustadora: a imagem do Curupira como vilão. Ele aparece e desaparece, faz mil estripulias para defender a cidade fictícia Beirada D’Oeste, fronteira da floresta Amazônica. O Curupira apronta para impedir que Bárbara (Xuxa) e os meninos Riacho e Manhã entrem na cidade. Só que a cidade já estava invadida por várias pessoas em busca do tesouro.

Com essa história de procurar o menino perdido, a Bióloga Bárbara e sua turma conseguem passar por todas as provas e salvam o menino e o tesouro. Ela é a deusa “Bromma” que com o consentimento do povo da cidade salva o tesouro e o confia a sua guarda e preservação ao Curupira.

No dia nove de outubro de 2006, foi lançada no Brasil uma HQ pela editora Pixel *O Curupira*, com 60 páginas. Esta revista trata de problemas que são bem atuais e que acontecem na floresta Amazônica. Para ressaltar a importância da HQ, vamos falar do autor Mauricio de Sousa.

⁸ Juvenal Galeno citado em Bettencourt, Gastão de. *Flagrantes do Folclore Brasileiro*. Coimbra, Coimbra Editora, 1954; pp. 9,10 e 11.



Maurício de Sousa, revistinha número 259; pp.8 e 11.



Esse mito brasileiro continua muito bem divulgado e o público infantil conta com publicações. Maurício de Sousa, criador da revista em quadrinhos “Turma da Mônica”, traz em várias obras desenhos do Curupira. Na revista em quadrinhos, o leitor infantil consegue visualizar o Curupira que, inserido no contexto do Chico Bento, transmite simpatia e humor. O modo como ele aparece leva o leitor a encantar-se e ver no Curupira um aliado para outras aprendizagens. Acontece, também, uma interação folclórica que reúne no personagem as histórias do passado com as necessidades do presente.

O ENCANTO E O ESTRANHAMENTO

Os textos de Thiago de Mello e de Maurício de Sousa buscam no inconsciente o passado mítico e reavivam não só o encanto do Curupira, mas de muitos outros mitos e lendas. O Curupira em suas várias aparições nesses textos demonstra a cultura brasileira rica e abrangente. Numa atmosfera de encanto, os autores o mostram sempre como entendimento de preservação da flora e da fauna. Como demonstração cultural a tradição oral se valoriza com o imaginário que com esses autores difundem os mitos, as lendas, os contos como recurso literário.

Nos textos de Juvenal Galeno e do autor anônimo há um desejo de que o Curupira apareça diferente dos outros. A desconfiança leva o leitor ao medo e ao susto, mas alguns

leitores podem ver nessa questão apenas o humor em saber que alguém pode querer influenciar o leitor com imaginário.

Já no filme de Xuxa, o Curupira ora é encanto ora é estranhamento; e diante do estilo caricaturado a criança necessita de ser portador de senso crítico.

Na busca de novos referenciais para a dinâmica da cultura e seus movimentos, diz Renato Almeida (1974 p. 151) que *“a importância do problema é considerável para o folclorista, pois rastrear as vias pelas quais se propaga a cultura é abrir perspectiva de conhecimento mais seguro.”* Ao ouvir várias vezes a mesma história, o interlocutor passa a reelaborar a narrativa e dominar todos os medos internos em formas de outra história. Tanto o encanto como o estranhamento operam e reatualizam as imagens.

CONCLUSÃO

O interesse pela cultura popular se vê preconizado nas obras de Edison Carneiro dizendo que *“o folclore continua ser entre todas as Ciências Sociais, aquela de mais clara e profunda repercussão nos seios dos nossos povos.”*⁹. A busca por novas referências e dinâmicas de demonstrações culturais nos mostra que a cultura popular age como o Sol, que com sua luminosidade procura a fresta, por menor que seja, e vai penetrando e criando caminho para outras luminosidades.

Numa atmosfera de entendimento da riqueza folclórica brasileira, os trechos expostos nesse texto mostram como a lenda do Curupira se torna presente em vários gêneros. Pode-se dizer que até num contexto paradigmático, pois além de tratar de questões do mundo contemporâneo de “conhecer para preservar”, ainda valoriza e difunde os textos como lenda, mitos e contos como recursos literários.

O mimetismo do Curupira para se adaptar e proteger a floresta revela uma de muitas possibilidades no imaginário popular que assimila e repete elemento do repertório cultural tanto popular com erudito que vai perpetuando em forma de discurso de geração em geração. De modo criativo e performático o texto é um recurso a mais. Como diz Held *“se o conto moderno prolonga a narração oral, e se nela enraíza, se frequentemente a esgota”*, deve-se buscar no presente conhecer o passado. Esses contos e lendas recebem arranjos e de acordo com a faixa etária do leitor vão sendo recontados e reescritos.

O curupira encantou e inspirou de acordo com o padrão de comportamento e característica de cada sociedade e vai se revelando como um mito que enriquece a ficção.

⁹ Carneiro, Edson. *A sabedoria popular*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura Instituto Nacional do Livro, 1957; p. 175.

BIBLIOGRAFIA

- Bettencourt, Gastão de** (1954): *A inspiração folclórica na poesia brasileira*. Coimbra, Coimbra Editora.
- Bettencourt, Gastão de** (1954): *Flagrantes do folclore brasileiro*. Coimbra, Coimbra Editora.
- Bhabha, Homi K.** (2005): *O local da cultura*. Belo Horizonte, Editora UFMG.
- Carneiro, Edison** (1957): *A sabedoria popular*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura Instituto Nacional do Livro.
- Carneiro, Edison** (1965): *Dinâmica do folclore*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira.
- Held, Jacqueline** (1982): *O imaginário no poder*. São Paulo, Summus Editorial.
- Jesus, L.M. e Brandão, H.N.** (2003): “Mito e tradição popular” em Brandão, Helena Nagamine (org.) *Gêneros do discurso na escola*. São Paulo, Córtes.
- Magalhães, Basílio de** (1939): *O folclore no Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- Melo, Veríssimo de** (v/a): *O conto folclórico no Brasil*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura.
- Mello, Thiago de** (2005): *Amazonas*. São Paulo, Cosacnaify.

OUTRA FUENTE

<http://sitededicas.uol.com.br/folk02.htm> – consultado no dia 10 de outubro de 2006.